

Cultura Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design abriu no Mindelo

Artesanato cabo-verdiano, “uma profissão com power”

Espelho do património e do quotidiano de Cabo Verde, o artesanato é um dos principais eixos da actividade cultural do país, cruzando criadores e população

Reportagem

Mariana Duarte, no Mindelo

Num tabuleiro de xadrez feito em barro modelado, o artesão ceramista Djoy Soares (1967-2018) recria uma praça pública do Mindelo com os seus habitantes: vendedeiras e demais trabalhadores, namorados, foliões de San Jon (São João, em crioulo cabo-verdiano), o ocasional bêbado que se estatela no chão, famílias, reformados. “Olha, parece a avó!”, solta uma criança, enquanto observa diligentemente as figuras ali representadas.

Quotidiano em Miniatura (2016) é uma das peças que mais prenderam a atenção dos mindelenses que, no dia e na noite de 30 de Julho, marcaram presença na inauguração do Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design de Cabo Verde (CNAD), a primeira instituição cultural construída de raiz no país para acolher exposições, residências artísticas e servir de base a um arquivo documental e artístico da produção de arte tradicional e contemporânea cabo-verdiana.

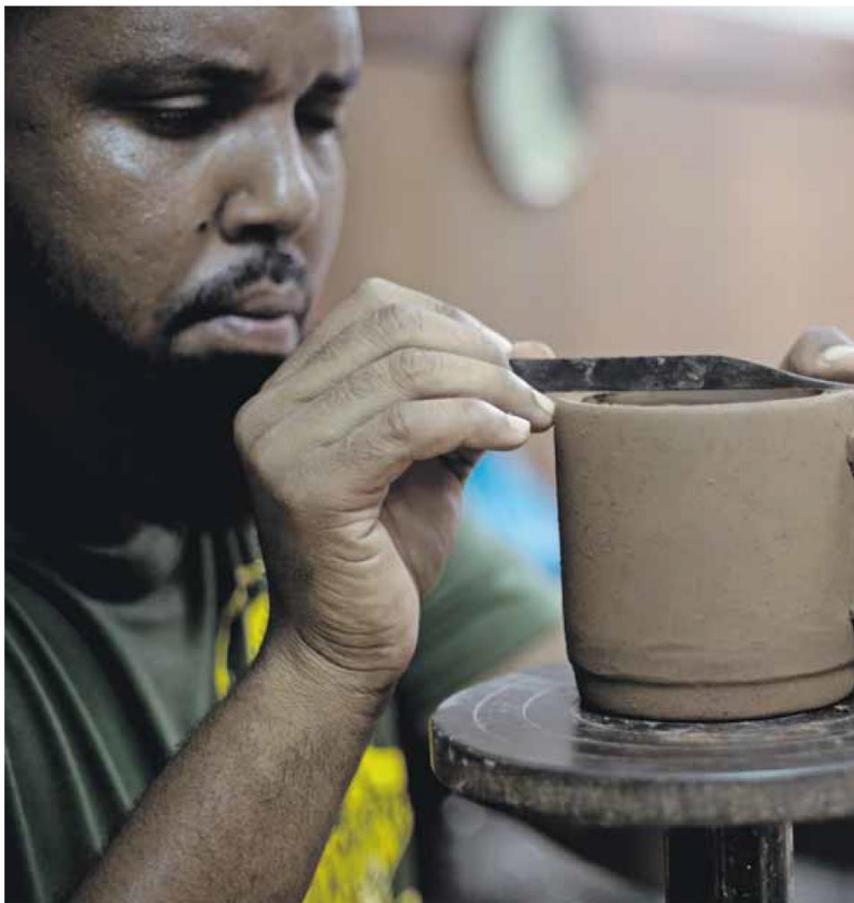
A exposição permanente, intitulada *Criação Cabo-Verdiana: Percursos* – que apresenta obras de várias tipologias, genealogias e matérias-primas, inscritas entre 1890 e 2021, incluindo *Quotidiano em Miniatura* –, foi uma das etapas mais concorridas do programa inaugural. No dia seguinte, o PÚBLICO cruzou-se com vários visitantes repetentes. “O objectivo maior desta exposição é ser um espelho onde a população cabo-verdiana se possa reconhecer e ser reconhecida”,

comenta a curadora, crítica e professora brasileira Adélia Borges, que assina a curadoria de *Criação Cabo-Verdiana: Percursos* em conjunto com Irlando Ferreira, gestor cultural e director do CNAD.

O ponto de partida foi o acervo da instituição, que se divide em dois momentos. Por um lado, há as peças recolhidas e produzidas pelos membros do então Centro Nacional de Artesanato (CNA), fundado logo a seguir à independência, preâmbulo e terreno fértil do CNAD. Por outro, há a parte da colecção constituída por trabalhos resultantes de residências artísticas, concursos e aquisições promovidas desde 2015, ano em que Irlando Ferreira assumiu as rédeas do centro, antes de estar no papel o projecto museológico, para estimular e apoiar, a partir de várias heranças-matriz, novas abordagens funcionais, estéticas e conceptuais ao artesanato – processo que tem passado por um trabalho colaborativo e “pela partilha de técnicas, materiais e saberes” entre artesãos, artistas visuais e designers, faz notar o director do CNAD.

“A arte cabo-verdiana está viva, pungente e é dinâmica”, considera Adélia Borges. “O acervo do CNAD tem mais de 1700 peças; é muita coisa. Na selecção para esta exposição permanente privilegiamos obras que sejam testemunhas da vida quotidiana de Cabo Verde e que permitam uma leitura transversal a partir da sua amplitude.”

E é o quotidiano que serve de farol para muitos artesãos do Mindelo. “Aprendi com o meu pai. Todos os sábados, ele levantava-se às sete e ia para o mercado de peixe só para observar as pessoas.



Eu, sempre que ando pelas ruas, faço o mesmo. Se há alguma expressão que me chama a atenção, tiro fotos”, conta Emanuel Soares – mais conhecido por “Manu” –, 36 anos, especializado em cerâmica e filho de Djoy Soares, agora à frente do atelier do pai, em Ribeira Bote, conhecida como a primeira “zona libertada” de Cabo Verde e onde, décadas antes do frêmito revolucionário, a população, liderada pelo carpinteiro Ambrósio Lopes, se revoltou contra o domínio colonial português (o acontecimento está celebrado numa obra de tapeçaria de Manuel Figueira, um dos fundadores do CNA, com uma frase que se cola aos olhos: “Injusta Amarga Fome, Mas Frente Ambrósio”).

Albertino Silva, 54 anos, tem também como referência as histórias partilhadas pela família. “A minha mãe contava histórias da Baía de Porto Grande, porque o meu pai trabalhava lá e as vivências da cidade passavam muito por aí”, recorda o artesão,

especializado no trabalho em pedra e metal. “A minha mãe dizia sempre que os melhores coladeiros de San Jon eram os trabalhadores da Rua da Praia e as peixeiras, porque tinham ginga. Então eu aprendi desde cedo a apreciar as expressões corporais.”

O conjunto de peças que Albertino Silva tem em exposição no CNAD evocam, precisamente, a dança colá das festas de S. João. O material principal são as pedras, que o artesão respiga em várias praças de São Vicente. A partir das suas formas naturais, constrói figuras que fazem despertar na matéria uma fisicalidade e um sentido coreográfico inesperados.

Tanto para Albertino como para Manu, ver os seus trabalhos num museu é “positivo”, mas não os deixa cair em deslambramento. “Artesãos mais novos do que nós podem chegar ao CNAD e encontrar um historial, conhecer peças do Nhô Griga e do Nhô Damásio [dois dos mais relevantes mestres artesãos cabo-verdianos, fundamentais para guiar o percurso trilhado pelos ideólogos

do CNA]. Esta valorização é importante, mas não temos de achar que, por ter peças num museu, vamos ter de trabalhar para outro tipo de público ou aumentar os preços”, afirma Manu.

“A maior parte dos meus clientes são cabo-verdianos, e é para eles que vou continuar a trabalhar”, reforça Albertino. E nem a actual retoma do turismo em Cabo Verde muda essa orientação. “Há quem pense que os turistas compram muito, mas não é verdade. Eles procuram *souvenirs*, que é uma coisa diferente daquilo que nós fazemos”, assinala Manu.

Mais encontros, mais união

A nova casa do CNAD – que, além das salas de exposições permanentes e temporárias, inclui a Biblioteca e Centro de Investigação Nhô Damásio e o Centro de Formação e Residência Nhô Griga – vem dar solidez, amplitude e novas possibilidades ao trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, em várias frentes.

FOTOS: QUEILA FERNANDES/CNAD



Na regulamentação e profissionalização do sector do artesanato, que passou pelo lançamento de um estatuto profissional dos artesãos e de uma plataforma *online* agregadora, a SIArt (Sistema Integrado de Artesanato); na certificação dos produtos artesanais com o selo *Created in Cabo Verde*; na criação da Urdi – Feira do Artesanato e Design de Cabo Verde; no desenvolvimento de laboratórios e residências criativas.

Para Albertino Silva e Manu, as residências têm sido um dos eixos “mais valiosos” deste trajeto. Contudo, quem quer ver mais encontros a acontecer, que se foquem tanto na transmissão e no registo de saberes, como na partilha de diferentes disciplinas. “Aqui em São Vicente há muitos artesãos que não estão identificados, que trabalham em suas casas, no anonimato, e que já têm alguma idade. As instituições têm de os pôr a transmitir o seu saber-fazer”, diz Albertino.

“O conhecimento é para passar,

Emanuel Soares, mais conhecido como “Manu”, e Albertino Silva, dois dos artesãos com peças expostas no novo CNAD

“O conhecimento é para passar, não é para ficar guardado. O mesmo se aplica a nós, mais jovens. A troca permite tirar-te da zona de conforto e procurar outras maneiras de fazer”

Emanuel Soares (Manu)
Ceramista

não é para ficar guardado. O mesmo se aplica a nós, mais jovens. A troca permite tirar-te da zona de conforto e procurar outras maneiras de fazer”, sublinha Manu. Por isso mesmo, mantém vários grupos nas redes sociais onde se reúnem artesãos de diferentes países, como Brasil, México e Colômbia. “Quando fazemos algo novo, partilhamos e perguntamos o que pode ser melhorado.”

“Além das feiras, devia acontecer um encontro de artesãos, para que possamos partilhar e dialogar com mais calma”, acrescenta Albertino – e isso poderia ser o primeiro passo para criar uma união mais forte entre os trabalhadores. “Já tentámos criar associações, mas não funcionaram. É preciso. Acreditado que brevemente os artesãos vão perceber que o associativismo é essencial para esta classe.”

Manu subscreve, e partilha outro desejo: mais residências artísticas que “provoquem contactos entre artesãos de

diferentes ilhas e de diferentes técnicas”, algo que já está nos planos do CNAD, especificamente através do LEAD – Laboratório Experimental de Arte, Artesanato e Design. “Seria muito útil que esses encontros pudessem incluir artistas plásticos, por exemplo. São informações transversais de que todos vamos beneficiar”, refere Albertino, que no seu atelier, perto da praia da Laginha, trabalha lado a lado com um *designer*. “Ele tem muito respeito pelo artesanato. Sabe que quanto mais domínio tiver do trabalho manual, mais conseguirá desenvolver o seu trabalho como *designer*.”

Cruzar artesanato e design

Este diálogo e desierarquização de disciplinas têm sido incentivados pelo CNAD, como testemunha a *designer* de moda Vanessa Monteiro, com atelier e loja no centro do Mindelo. “Vem sendo cada vez mais comum artesãos e *designers* comunicarem e trabalharem em conjunto. O CNAD influenciou bastante nesse

sentido”, diz ao PÚBLICO.

A proximidade do artesanato permite-lhe criar produtos que não tenham apenas um valor estético e conceptual, mas que impliquem dar respostas funcionais e utilitárias a “tarefas específicas da ilha”. Num dos seus últimos projectos, Vanessa Monteiro criou um equipamento de protecção para as calceteiras – trabalhadoras que fazem as calçadas de São Vicente –, com chapéus de cestaria, cintas e joelheiras, numa colaboração com o colectivo de mulheres Amdjer na Obra e os artesãos Aristides Delgado e Jorge Gomes. “No artesanato cabo-verdiano há uma capacidade de resiliência, de conseguir criar soluções quase a partir do nada. Como há poucas tecnologias e recursos, acabas por perceber o quão fina e inventiva é a mão do artesão.”

A conexão com o contexto social, económico e geográfico de Cabo Verde tem sido uma prioridade no trabalho desenvolvido por Vanessa Monteiro. Uma das acções realizadas no âmbito do projecto Neve Insular, em co-autoria com Rita Rainho e em parceria com a Associação Agro-Pecuária do Calhau e do Madeiral (São Vicente), consistiu na plantação de algodão orgânico, alertando-se para a extinção da produção de algodão no arquipélago – uma matéria-prima central na história de Cabo Verde, desde o tráfico de pessoas escravizadas ao período do pós-independência –, bem como para o desaparecimento dos saberes e actividades ligados a ele. Por isso mesmo, outra das iniciativas deste projecto passou por convocar o mestre tecelão Marcelino dos Santos, “com o objectivo de passar conhecimento a crianças e a artesãos de diferentes gerações”, assinala a *designer*.

A transmissão de saberes e técnicas é, de resto, uma das grandes preocupações de Albertino Silva e Manu. Fazem questão de voltar ao tema. “Podia-se ajudar a criar condições para que os ateliers de artesãos recebessem alunos”, propõe Albertino. “Nós já recebemos uma criança de rua, através do centro de formação profissional, e ele ficou a trabalhar no nosso atelier”, refere Manu. “São políticas valiosas e que deviam ser regulares. É preciso mostrar aos jovens que o artesanato é uma profissão com *power*, além de ser aquilo que melhor nos retrata como povo.”

O PÚBLICO viajou a convite do Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design de Cabo Verde